

## O Gênero Discursivo como Caminho para Produção de Resenha Escolar

### The Discursive Gender as a Way to the Production of Essays in School

Flávio Luis Freire Rodrigues<sup>a\*</sup>

---

#### Resumo

As bases deste trabalho são a Linguística Aplicada e os gêneros discursivos como ferramenta para o ensino de Língua Portuguesa. A partir daí, criou-se uma elaboração didática para o trabalho com resenha em sala de aula de ensino médio de uma escola pública de Londrina que contemplasse leitura, análise linguística e produção de texto, aplicada por alunos do curso de Letras da UNOPAR. Parte dos resultados obtidos vem ao final do texto, bem como sua análise. Este artigo é parte de tese de doutorado em andamento.

**Palavras-chaves:** Gênero discursivo. Resenha. Ensino de língua portuguesa.

#### Abstract

*The basis of this essay is the Applied Linguistics and the discursive gender as a tool for teaching Portuguese. From there, a didactic sequence to work with essays in the classroom of a public high school in Londrina was developed, which would include reading, language analysis and writing texts, carried out by students of the Language Course at UNOPAR. Part of the results and its analysis are in the end of the text. This article is part of doctorate thesis in progress.*

**Key-words:** Discursive Gender. Essay. Portuguese teaching.

---

<sup>a</sup> Doutorando em Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).

\* Endereço para correspondência: Rua Amador Bueno, 351, apto., 103. Vila Ipiranga, CEP: 86010620. Londrina - PR. E-mail: flaviofreire@hotmail.com

#### 1 Introdução

Guedes (2006), quando discute a formação do professor de português, descreve o modo pelo qual, segundo o autor, a língua escrita foi privatizada pela classe dominante. Para o autor é incumbência do professor de português reverter esse quadro, desprivatizando a escrita, fazendo com que os alunos, a partir da leitura e escrita, passem a participar da produção do conhecimento sobre o país e sobre si mesmos, levando-os a desenvolver a dignidade pessoal.

O caminho escolhido aqui para tal tarefa é a o trabalho com resenha, a partir da ótica dos gêneros do discurso. Os gêneros são ferramenta dupla, de um lado porque promovem uma realização visível de formas sociais e psicológicas e de outro porque permitem o mergulho cada vez mais profundo no mundo da escrita. O seu cerne é movimento, interação; se assim o entendemos, o desenvolvimento do trabalho com gêneros em sala de aula não pode ser passivo. O aluno deve poder usá-lo como forma de exploração dos recursos que dispõe para intervenção social e crítica por meio da escrita, forma de delimitação da presença no mundo, e não como mera construção discursiva avaliativa da escola.

Neste trabalho, lançaremos mão sempre do termo *gêneros discursivos ou do discurso*, uma vez que a visão adotada é a bakhtiniana. A opção pelo gênero resenha se deu por

alguns fatores. Ele é um gênero formal de escrita, escolar, mas também jornalístico, de circulação social expressiva em revistas e jornais, em que se trabalha a argumentação e crítica (das quais fazem parte a noção de subjetividade e coesão textual). Tais características, que me levaram a eleger tal gênero como essencial no ensino médio (a meu ver, pode ser trabalhado também no fundamental), permitem retomar a ideia de indivíduo crítico e participante social letrado, alvo dos PCNs e de qualquer proposta de ensino democrática e cidadã. Isso permite também pensar em estudantes que possam futuramente compor nossas bases de pesquisas, como acima idealiza Guedes.

Assim, há a necessidade de se debruçar didaticamente sobre os gêneros acadêmicos a fim de propor caminhos aos nossos estudantes. Não se aprende a trabalhar com eles simplesmente porque se está na escola. A contribuição de Matêncio, nesse momento, nos ajuda a entender o alvo que queremos atingir. Guedes (2006, p. 100) afirma que

o que os resultados da pesquisa que temos desenvolvido têm demonstrado é que os problemas experienciados pelos alunos se originam, justamente, de sua dificuldade de perceber os traços que distinguem os modos de organização de funcionamento dos discursos científico e de divulgação daquele que caracteriza o discurso didático, que lhe é mais familiar.

Levando-se em conta que a língua significa não somente pelo conteúdo, mas também pela forma, é necessário habilitar o aluno a falar na “língua da escola/academia”. Tal promoção é duplamente importante: é somente dessa forma que o aluno consegue obter êxito e é dessa forma também que conseguiremos mais pesquisadores brasileiros em todas

as áreas. O aluno alcança não somente outras formas de expressão linguística que vai permitir-lhe conviver no mundo acadêmico, mas vai abrir-lhe também as portas de novas formas concretas de participação social como cidadão.

O objetivo desta pesquisa é propor uma elaboração didática para o trabalho com resenha para estudantes do ensino médio. Ao final, a intenção é que o aluno não apenas se dê conta dessa estrutura textual como leitor mais capacitado, mas possa apropriar-se dela também como escritor.

Paralelamente a isso, há o trabalho de montagem de uma elaboração didática a partir dos gêneros discursivos. Há alguns materiais já publicados a partir da ótica dos gêneros voltados para o ensino fundamental e médio, como a coleção “Trabalhando com gêneros do discurso”, coordenada por Barbosa (2003), mas exclui-se aí o gênero resenha. Há também material voltado ao trabalho com resenha, mas destinado ao terceiro grau, como a coleção “Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos”, coordenado por Machado; Lousada e Abreu-Tardelli (2004), cujo segundo volume é *Resenha*.

A resenha se apresenta como caminho para compreensão e uso de sistemas simbólicos de diferentes linguagens, atribuindo opiniões sobre elas, com base na análise dos recursos expressivos utilizados e das condições de produção e recepção.

## 2 Material e Método

No Brasil, segundo Moita Lopes (1996), as pesquisas em LA seguem 2 tendências: a) investigação teórica-especulativa, na qual o pesquisador trabalha com teorias, tentando aplicá-las a uma prática idealizada, desconsiderando as pesquisas voltadas à aprendizagem; b) investigação que toma por base as pesquisas voltadas ao ensino de línguas. É o que o autor acima citado chama, simultaneamente, de “pesquisa orientada para a sala de aula e pesquisa na sala de aula” (MOITA LOPES, 1996, p. 86).

Ambas lançam mão de pesquisas de cunho qualitativo etnográfico, em oposição à pesquisa interativista, que tratava de dados de comportamento entre professor e aluno previamente estabelecidos, analisados estatisticamente, sem deixar espaço para “surpresas”.

Esta pesquisa orientou-se para a escolha da abordagem qualitativa, que tem, segundo Trivinõs (1987, p. 130), “atenção preferencial pelos pressupostos que servem de fundamentos à vida das pessoas”.

### 2.1 Constituição do corpus

Como grupo de sujeitos selecionados para a pesquisa, delimitou-se uma classe com 36 alunos de primeira série do ensino médio matutino de uma escola pública de região periférica (predominância classe média baixa) de Londrina. O tempo previsto para o desenvolvimento do projeto seria de 10 aulas de Língua Portuguesa, cedidas pela professora regente da turma que havia assumido a turma há pouco tempo, devido

à licença médica da professora titular. O horário das aulas, três por semana, era às segundas-feiras, das 8h20 às 9h10 e às terças, das 10h20 às 11h40 e aconteceriam no segundo bimestre de 2009. As aulas foram ministradas por duas alunas do curso de Letras, participantes do projeto de pesquisa “Produção de material didático a partir do gênero resenha”, realizado na UNOPAR – Universidade Norte do Paraná. Uma das alunas pertence ao quinto semestre e a outra ao sétimo do curso de Letras. Esta já concluiu as disciplinas de estágio, enquanto a primeira ainda faz estágio no ensino fundamental.

Para o trabalho com o gênero resenha, foi elaborado um material didático nos moldes do esboço de Rodrigues (2008). Foram selecionados vários textos que se referem a outros textos: resumo de livro, sinopse de filmes, resenha de livro, resenha de filmes. Como a proposta final era a resenha de um filme curta-metragem, trabalhamos com a resenha de filmes voltados ao público jovem, a exceção da resenha acadêmica, necessária em nosso ponto de vista para diferenciar das demais resenhas, todas jornalísticas ou de imprensa. Foram selecionados os seguintes textos para a apostila:

- a) sinopse do filme Crepúsculo
- b) sinopse do filme Monstros Vs. Alienígenas (desenho animado)
- c) resumo do livro A menina que roubava livros
- d) resenha I do filme Crepúsculo
- e) resenha II do filme Crepúsculo (mais detalhada e mais avaliativa)
- f) resenha do filme Se eu fosse você II
- g) resenha do livro Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola (resenha acadêmica)
- h) resenha de um show de Bebel Gilberto
- i) textos auxiliares (matérias “Livro alerta para o risco de levantar o polegar”, “Soldado Orwel: ideologia ou morte”, “Críticas infelizes” e “Lenda indígena”, que poderiam servir com leitura auxiliar, ou como tarefa de casa).

Além disso, a apostila trazia a estrutura da resenha, quadro para identificação de partes das resenhas trabalhadas, exercícios de coesão textual e uma ficha de auto-avaliação de resenha, além de folha de rascunho e folha de texto final, para a produção textual. O corpus de análise é formado pelos rascunhos e produções finais destes alunos (resenhas) e pelas observações de classe feitas pelo pesquisador.

### 2.2 Procedimentos de análise

Para a análise dos textos produzidos pelos alunos, serão levadas em conta as características consideradas básicas do gênero resenha:

- a) Informações sobre a obra (dados da obra/autor);
- b) Síntese (ou resumo) e
- c) Crítica (comentários/avaliação).

Como se trata de um filme curta-metragem importa colocar quem é o autor e citar outras obras dele. Integra a síntese a capacidade de leitura de um texto fílmico, documentário crítico da realidade social do país. Como crítica, espera-se ver

comentários críticos, mesmo que superficiais, mas com base argumentativa.

Questões gramaticais não foram trabalhadas no projeto. À exceção de elementos de coesão, a gramática só foi utilizada quando houve desvios que necessitavam ser corrigidos. Os elementos de coesão foram retomados dentro do conteúdo trabalhado no material didático preparado para a proposta. Como a coesão textual consta no currículo do ensino fundamental dos PCN, esperava-se que os alunos conseguissem lembrar e utilizar adequadamente os elementos de coesão dentro do gênero trabalhado. Portanto, tínhamos a esperança de que os textos produzidos fossem coesos.

As observações de classe do pesquisador servirão para auxiliar no momento de análise final, para esclarecer pontos sombrios, em que algumas considerações podem ser feitas a partir do desempenho em sala da interação professor-aluno-material didático.

### 3. Desenvolvimento

#### 3.1 Conceito de gênero

As três dimensões apresentadas por Bakhtin (1992; 1999) para configurar os gêneros – temas, forma composicional e marcas linguísticas ou estilo – são determinadas pela *apreciação valorativa* do locutor a respeito do tema e do(s) outro(s) interlocutor(es). Essa cena acontece entre indivíduos representantes de lugares sociais, que determinam muitos dos aspectos temáticos, linguísticos e estilísticos presentes no enunciado. O gênero faz, então, a conexão da linguagem com a vida social, por meio de tipos relativamente estáveis de enunciados.

Devido às demandas sociais, surgem novos gêneros, em movimento contínuo, de tal forma que eles se atualizam tão rápido quanto as atividades às quais estão atrelados, como é o caso dos gêneros encontrados na internet, como *blogs, e-mails, chats*, videoconferência, videodepoimento, etc. Fiorin (2008) chama a atenção para o fato de que, concomitante a esse movimento, novos gêneros possibilitam novas formas de ver a realidade.

Bakhtin (1992) divide os gêneros em primários e secundários. Os gêneros secundários são aqueles cuja situação sócio-histórica mais complexa permite e força seu surgimento, devido a mudanças nas relações sociais. Eles são transformações dos primários e os subsumem. É exatamente este o caso da resenha. A partir de outros gêneros, como o livro, filme, etc., surge a necessidade de descrevê-los e atribuir-lhes juízos de valor. É um gênero a serviço de outro. É complexo e relativamente estável, como postula Bakhtin: uma dada função e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

À medida que o mercado editorial entra na era industrial, a produção de material escrito inicia um processo de expansão

que perdura até hoje, mesmo que em formato. Foi necessário, então, que houvesse uma seleção e avaliação, por especialistas, do vasto material disponível. Essa necessidade concretizou-se no gênero resenha. O resumo apenas sintetiza, não crítica, não descreve os pormenores que podem interessar a públicos distintos. Isso é tarefa para a resenha. A resenha não apenas descreve o texto a que se refere, como, às vezes, cita-o em partes, a fim de que o leitor conheça o estilo ou as ideias do autor, confirmado em discurso direto.

#### 3.2 A resenha

Para Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004), resenha é um texto que apresenta informações selecionadas e resumidas sobre o conteúdo de outro texto, **trazendo**, além das **informações, comentários e avaliações** do resenhista. Além dos comentários, fica clara aqui a avaliação. Na seção 2 do livro, as autoras também advertem que há textos que podem ser considerados resenhas, mas podem ser publicados com outro nome ou mesmo sem nome algum e trazem diversos exemplos de obras resenhadas, como teatro, *shows*, livros.

Partindo dessa definição, vemos que a resenha se diferencia do resumo porque o subsume; o resumo integra a resenha. Além dele, há ainda:

- a) seleção de informações;
- b) comentários do resenhista;
- c) avaliação do resenhista.

Essa observação se faz importante para repensar uma divisão clássica de resenha: informativa, descritiva e crítica. Ora, a partir do momento que se entende linguagem como processo subjetivo e não-transparente, é difícil imaginar que se possa escrever um texto sem projetar nele subjetividade. Das questões discutidas em linguística, a da subjetividade da linguagem é ponto pacífico. A partir do momento em que Bakhtin (1992) aponta o dialogismo como elemento fundador e constitutivo da linguagem e do sentido, instaura também o conceito de polifonia.

Além disso, Bakhtin (1999, p. 95) questiona a univocidade e a transparência da linguagem. Há ainda o componente ideológico latente na linguagem. Para o autor, “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou um sentido ideológico ou vivencial”, portanto, resultado do tecido social, mas também particular de cada indivíduo, impedindo que se conceba tal processo como objetivo.

A partir da concepção adotada aqui, todo gênero de texto tem características próprias: a) contexto de produção e relação autor/texto; b) conteúdo temático; c) estrutura composicional; d) marcas linguísticas e enunciativas. A resenha, texto em questão, também se enquadra neste quadro. Vamos então perpassar essas características.

### 3.2.1 Contexto de produção e relação autor/texto

Os contextos de produção de uma resenha podem ser variados. Elas são utilizadas, como já disse, na graduação e pós, mas também são utilizadas nos meios de comunicação, como tipos de textos nos quais se fala sobre um objeto, normalmente atribuindo-lhe uma apreciação crítica.

Pode-se perceber que são vários os contextos de uso da resenha e também são várias as relações autor/texto. Das situações citadas acima, em momento algum se falou em resenha feita para a criança. Em rápida pesquisa feita na internet, há poucas resenhas voltadas para o público infantil. Há muitas sobre livros infantis, mas para o adulto, feita pelo adulto.

### 3.2.2 O conteúdo temático

O conteúdo temático da resenha é muito dispar: pode-se resenhar praticamente todo tipo de texto. Há um detalhe a respeito da resenha que o diferencia diametralmente do resumo. Alguns autores postulam que somente é possível fazer resumo de texto verbal, enquanto a resenha pode ser feita de qualquer objeto. A respeito disso, acredito que a pluralidade de aspectos de um texto filmico, como trilha sonora, fotografia, efeitos especiais impede que se faça um resumo dele, mas que permita uma resenha. Não se pode, por exemplo, resumir a trilha sonora, apenas pode-se comentá-la, compará-la, criticá-la.

### 3.2.3 Estrutura composicional

Quanto à estrutura composicional, a resenha deve obedecer a um determinado padrão: dados bibliográficos no *caput* do texto e parte textual. Neste caso, temos um padrão acadêmico. Jornais e revistas também trazem resenhas de livros, mas com formatos diferentes, trazendo a referência bibliográfica em outros lugares que não no *caput* do texto, às vezes até mesmo no final dele. Outra diferença sensível em resenhas jornalísticas é que normalmente trazem uma apresentação mais extensa sobre o autor. Creio que isto ocorra porque o público pode desconhecer o mesmo, o que é mais difícil acontecer no meio acadêmico em que o leitor especialista já conhece os autores da área.

A estrutura apresentada por Souza e Carvalho (1999) para resenha parece ser voltada para um público não-especializado. Os autores ressaltam que se trata de uma orientação não exaustiva para a resenha:

#### I. Dados do autor

- a) quem é ele na área, sua formação, títulos, outros livros ou textos publicados;
- b) seu referencial teórico e sua prática.

#### II. Resumo do conteúdo

- a) Do que trata, qual sua proposta central;
- b) Como está organizado o texto: introdução, corpo, conclusão, capítulos ou partes;
- c) Suporte teórico: conhecimentos e argumentações

- a) científicas, históricas, estatísticas;
- d) Linguagem usada: correção, clareza, objetividade, problemas de tradução;
- e) Extensão e valor da bibliografia.

#### III. Avaliação da obra

- a) Qualidade da contribuição, a quem se destina, sua utilidade, comparação com outras obras;
- b) Balanço das contribuições críticas.

### 3.2.4 Marcas linguístico-enunciativas

As marcas linguísticas e enunciativas na resenha são um caso especial: espera-se que o resenhista deixe indelevelmente marcado seu ponto de vista, opinião etc., a respeito do objeto resenhado.

Esses elementos linguísticos, fundamentais na análise da resenha, são os operadores argumentativos, que se dividem em marcas de enunciação e de argumentação. As primeiras são responsáveis por registrar as vozes presentes no texto; as outras, pela direção argumentativa do texto.

Para marcar o discurso indireto, que também deixa a cargo do outro o sentido, usa-se expressões como *conforme Fulano, de acordo com Cicrano, Beltrano mostra* etc. ou ainda *segundo o autor* (expressões que podem também ser usadas para discurso direto), seguidas das falas parafraseadas do original.

Araújo (2002) também aponta os pronomes de primeira pessoa do singular como marcadores de posição do resenhista como avaliador do texto original, uma vez que sempre que usa o *eu* para colocar-se perante as ideias do texto e avaliá-las. Os pronomes de terceira pessoa (singular ou plural, conforme autor ou autores) servem para indicá-los na resenha.

## 4 Resultados

Para dar uma indicação da análise, serão usados 2 textos integrais e excertos de outros textos. Os nomes dos alunos aparecem abreviados e os textos são mantidos na escrita original.

#### Texto 1 - Ilha das Flores (L.B.B.)

- Jorge Furtado é o diretor desse curta e também roteirista, esse documentário foi feito por um elenco com grande capacidade como os produtores: Mônica Schmidt, Giba Assis Brasil e Nora Gillbarte, e também foi interessante como em 12 minutos de documentário eles abrangeram o curta com muita competência deixando totalmente transparente suas ideias.

Tudo começa com uma plantação de tomate com um dono, senhor Suzuki, esse mesmo dono vende seus tomates a um supermercado que o revende a uma dona de casa onde julga o tomate impróprio para sua família que o manda para o lixo, esse mesmo lixo vai para a chamada Ilha das Flores onde se encontra ou se depara com porcos que também rejeitam os alimentos, os mesmos sobram para as pessoas com indicadores sem direito, essas pessoas ficam horas na fila para poder comer provas de histórias e tomates rejeitados e muito mais lixo.



*Esse curta teve uma repercussão muito boa, ganhou vários prêmios e esta entre os 100 melhores curta-metragens do mundo, foi pensado muito bem na hora de ser projetado, nos mínimos detalhes, e abrangeu muito bem toda ação que eles queriam mostrar foi um documentário bem produtivo e interessante que nos pode dar uma ideia de reflexão sobre as coisas.*

#### Texto 2 - Ilha das Flores (L.M.)

*O Diretor Jorge furtado fez vários filmes como: caramuru, cidade dos homens, meu tio matou um cara, Lisbela e o prisioneiro entre outros, recebeu vários prêmios como: Urso de Ouro prêmio de Berlim, Alemanha. Jorge furtado é conhecido mundialmente. No elenco Ciza Reck Ziesel (Dona Anete), Julio Barth, Paulo José (voz narrativa), filmado em Porto Alegre.*

*O curta da Origem do tomate, que o senhor Suzuki classe média, cultiva mais de 61 milhões por ano, cuida de uma pequena parte do tomate, ele não come apenas vende para o mercado, uma mulher chamada Dona Anete e da classe média que ao chegar a sua casa ela joga o tomate no lixo porque considera ruim, do lixo vai para os porcos servindo de alimento os porcos sem inteligência recusam o alimento, o dono dos porcos deixa um grupo de 10 pessoas ficarem 5 minutos para pegar a comida que os porcos rejeitaram.*

*Em minha opinião, gostei de ser a realidade, mas não gostei de ver as pessoas sofrendo de fome, ver que as pessoas são piores que animais, o nome Ilha das flores de flor não tem nada deveria ser Ilha do lixo porque é um lugar horrível, também não gostei do narrador das frases, das explicações de onde vem a prova, o que é terreno. Gostei de saber a origem do tomate, como aconteceu a produção, a venda e o que acontece com que deixamos no prato.*

É bastante claro que os alunos que produziram os textos analisados seguiram a estrutura proposta para a resenha: Informações sobre a obra (dados da obra/autor); Síntese (ou resumo); e Crítica (comentários/avaliação), em que cada parágrafo contempla uma das divisões textuais: o primeiro se encarrega das informações sobre o autor.

O texto 1 aponta para a direção e roteiro de Jorge Furtado e para outros indivíduos que participaram da produção do curta-metragem. O texto 2 traz outras obras do mesmo diretor, prêmio recebido por este curta que o tornou conhecido internacionalmente e local de filmagem.

O segundo parágrafo deve trazer a síntese da obra. Assim, o texto 1 traz o resumo do documentário, que se inicia na plantação de tomate do sr. Suzuki e termina com pessoas que podem se alimentar com as sobras dos porcos. No texto 2, faz o mesmo percurso, apenas com alguns detalhes não citados no texto 1, como citar o nome de D. Anete, do tempo que o grupo de 10 pessoas tinha para recolher os alimentos impróprios para os porcos.

Por fim, o comentário com crítica aparece no terceiro parágrafo. O texto 1 consegue ser mais sutil em sua avaliação, não a demarcando como fez o segundo texto, lançando mão da expressão “em minha opinião”. O texto 1 começa sua avaliação falando do desdobramento que conseguiu o curta-metragem por sua qualidade: “ganhou vários prêmios e

esta entre os 100 melhores curta-metragens do mundo, foi pensado muito bem na hora de ser projetado, nos mínimos detalhes”. Sua avaliação continua, quando aponta que “foi um documentário bem produtivo e interessante que nos pode dar uma ideia de reflexão sobre as coisas”, colocando sua avaliação sobre argumentos mais claros. Este texto ainda traz no primeiro parágrafo já uma avaliação inicial: “e também foi interessante como em 12 minutos de documentário eles abrangeram o curta com muita competência deixando totalmente transparente suas ideias”, aludindo à clareza do documentário pela competência dos produtores de conseguir um resultado tão bom em apenas 12 minutos.

É importante notar que o autor aqui tentou utilizar um vocabulário mais próprio à situação formal do texto: abrangeu competência, transparente, projetado (no sentido de produzido, roteirizado) produtivo, interessante, reflexão.

O segundo texto, como dito acima, usa a expressão “em minha opinião” para iniciar sua avaliação da obra, ao que se segue, sob a ótica do autor, o ponto positivo contrastando com o negativo: “gostei de ser a realidade, mas não gostei de ver as pessoas sofrendo de fome, ver que as pessoas são piores que animais”. E continua: “também não gostei do narrador das frases, das explicações de onde vem a prova, o que é terreno. Gostei de saber a origem do tomate, como aconteceu a produção, a venda e o que acontece com que deixamos no prato”, provavelmente pontos que tocaram mais este autor do que os outros, visto que nenhum outro aluno colocou estes pontos negativos. A narração de Paulo José, que é um ponto forte do curta, é visto aqui como aspecto negativo. Parece que este aluno entende que houve muitos desvios do trajeto original do tomate até a ilha, entrecortado por explicações recorrentes de aspectos paralelos, como a prova de história, ou a definição do que seja terreno. Plantação, venda e fim do tomate são apontados aqui como aspectos positivos, para este aluno. A preocupação deste autor estaria mais voltada para o conteúdo do curta – a miséria humana – e menos para linguagem do diretor. Não fica clara aqui, como no anterior, a tentativa de usar um vocabulário mais próprio à situação.

O tema do desperdício de alimentos, citado no texto 2 “e o que acontece com o que deixamos no prato” vai reaparecer em outros textos. Nos três excertos abaixo isso fica evidente. No excerto 1, L.G.M., o autor, ainda coloca a avaliação baseada em argumentos sobre o curta: “Na minha opinião esta narrativa foi muito interessante e bem organizada porque mostra a realidade de desperdício de alimentos que poderiam ser reaproveitados.” O mesmo acontece com o excerto 2, em que A.J. também justifica sua opinião na denúncia sobre o desperdício: “Achei um curta muito legal que nos ensina a valorizarmos mais a nossa comida”. Por fim, o excerto 3, de D.J., vai sustentar a ideia do não desperdício: “Bom em minha opinião o diretor gostaria de passar que isso é uma realidade que acontece na ‘Ilha das flores’: e também não devemos chagar [jogar] alimentos que podem ser aproveitados”.

Essa preocupação com os alimentos, seja pelo desperdício ou por seu mau aproveitamento, está relacionada diretamente com a realidade dos alunos-autores: provavelmente são muito chamados a atenção pelos pais para não deixarem alimentos no prato, porque tem muita gente que não tem o que comer, ou ainda de recusar certos alimentos preparados para as refeições, e ainda mais porque são provenientes de uma situação econômica pouco confortável. No momento em que vêm na tela a mesma situação, retomam o discurso social do desperdício. O tema da pobreza ou de que há pobreza pior aparece no excerto 4 de F.M., que já vem com recomendação do curta: “Eu recomendaria esse curta para todos para descobrirem o que é pobreza de verdade e não discutir só porque você não ganha uma coisa da sua mãe por que tem gente que precisa mais do que você.”

A indicação do curta, como a feita acima por F.M., é um dos detalhes de uma resenha bem feita. Ela faz parte do quadro de auto-avaliação da apostila. F.M.. O mesmo autor o recomenda mais uma vez: “Um bom curta para quem gosta de saber a realidade brasileira” (excerto 5). N.H.B., no excerto 6, também faz o mesmo: “Esse curta eu recomendo para todos os tipos de pessoas porque é muito bom para mostrar a realidade da sociedade”, inclusive atribuindo nota com estrelinhas, como exemplificado na apostila: “Nota ★★☆☆” (N.H.B.).

A avaliação do curta parece que foi entendida como parte essencial da resenha, visto que aparece reiteradamente nos textos produzidos. A argumentação da crítica sempre vem acompanhando-a, como consta nos excerto acima.

## 5 Considerações Finais

O objetivo final deste trabalho é criar uma forma de se trabalhar com o gênero resenha no ensino fundamental. Isso porque paira sobre este gênero uma sombra de que é difícil ler e produzir resenhas, de que é um gênero desagradável, de que apenas na academia se pode trabalhar com ele etc., dificultando o trabalho com resenha na faculdade. O universitário somente consegue trabalhar com gêneros do dissertar, argumentar, descrever etc., porque já teve contato com eles anteriormente, no ensino fundamental e médio.

Além disso, nas resenhas, o aluno se mostra bastante como autor, sujeito que escreve, opina, critica, discute, assume sua fala. Isso é fundamental para o domínio da ferramenta textual, a ser utilizada conscientemente na leitura e produção de textos.

## Referências

- ANDRADE, P.F. *Hamlet Príncipe da Dinamarca*. Resenha. Disponível em: <<http://www.nucleodeliteraturainfantil.com.br/resenha.asp?CodLivro=319&voz=>>. Acesso em: 27 jun. 2007.
- ARAÚJO, A.D. Uma análise da polifonia discursiva em resenhas críticas acadêmicas. In: MEURER, J.L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros textuais*. Bauru: EDUSC, 2002.
- BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARBOSA, J.P. *Receita*. São Paulo: FTD, 2003.
- FIORIN, J.L. *Introdução do pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- \_\_\_\_\_; SAVIOLI, F.P. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1995.
- GUEDES, P.C. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola, 2006.
- MACHADO, A.R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L.S. *Resenha*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MATÊNCIO, M.L.M. Letramento na formação do professor: integração a práticas discursivas acadêmicas e construção da identidade profissional. In: CORRÊA, M.L.G.; BOCH, F. (Org.). *Ensino de língua: representação e letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2006. p. 93-105.
- MOITA LOPES, L.P. *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- RODRIGUES, R.H. Pesquisa com os gêneros do discurso na sala de aula: resultados iniciais. *Revista Acta Scientiarum: Language and Culture*, Maringá, v. 30, n. 2, p. 169-175, 2008.
- SOUZA, L.M.; CARVALHO, S.W. *Compreensão e produção de textos*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- TRIVINOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.